

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

PAIXÕES MALÉVOLAS E IMPRÓPRIAS EM DIVERSOS DOMÍNIOS

Stephen Leighton
Queen's University, Kingston, Canada

RESUMO: Após recordar brevemente a visão oferecida pela *Ética a Nicômaco* a respeito dos modos pelos quais as paixões podem ser apropriadas, inapropriadas ou malignas, este artigo considera se, como e com que justificação essa compreensão pode ser conciliada com os papéis que as paixões assumem em outros domínios, inclusive na retórica, na poética e na política. O artigo argumenta que a propriedade ou a impropriedade do tipo da paixão e da sua ocorrência nos mais diversos domínios não são determinadas por uma noção geral ou ética do que é apropriado, mas podem variar de acordo com o domínio em causa. Considera-se como isso pode fazer sentido através de exemplos oferecidos para ilustrar e justificar essa compreensão. Ainda assim, casos em que há desacordo, quando aquilo que é inapropriado ou adropriado em um domínio não o é em outro, afiguram-se problemáticos, especialmente quando um desses domínios concerne à ética. Oferecem-se duas estratégias para dar sentido a esse problema, sendo uma delas defendida como a mais promissora. Ainda assim, as feições do pensamento de Aristóteles acerca da inveja como paixão maligna permanecem problemáticas.

PALAVRAS-CHAVE: paixões; paixões malignas; ética; poética; Aristóteles.

ABSTRACT: After briefly recalling the *Nicomachean Ethics*' view on the ways in which the passions can be appropriate, inappropriate or malignant, the paper considers whether, how and with what justification this understanding can be reconciled with the roles passions take in other domains, including rhetoric, poetics and politics. The paper argues that the appropriateness or inappropriateness of passion type and occurrence over diverse domains is not determined by a general or ethical notion of appropriateness, but can vary with the domain in question. How this can make sense is considered, with examples offered to illustrate and justify this understanding. Even so, cases in which what is inappropriate or appropriate in one domain is at odds with another seem problematic, especially where one of the domains concerns ethics. Two strategies for making sense of this are offered, with one argued to be most promising. Even so, features of Aristotle's thinking about the malignant passion envy remain problematic.

KEYWORDS: passions; malignant passions; ethics; poetics; Aristotle.

Lembremos de duas diferenças na visão da *Ética a Nicômaco* sobre as paixões, que podem ser impróprias ou próprias nas suas circunstâncias versus as que podem ser chamadas aqui de paixões malévolas ou imperfeitas. Uma diferença trata do caráter associado a aqueles que as sentem; outra diferença relacionada trata do valor das suas manifestações.

Leighton, Stephen
Paixões malévolas e impróprias em diversos domínios

Em primeiro lugar, as paixões que podem ser impróprias ou próprias em suas circunstâncias, paixões tais como medo ou piedade, são sentidas pelos virtuosos assim como por aqueles de caráter falho. Os de caráter falho as sentem de maneiras impróprias; as pessoas de virtude as sentem de maneiras próprias. Por exemplo, enquanto que glutões são dominados por sua ânsia, os temperados sentem o impulso do desejo corporal de maneiras a contribuir para a sua saúde; enquanto que os covardes fogem por causa do medo, o medo dos corajosos ajuda a guiá-los. Segundo, como indica o que dissemos, as manifestações dessas paixões podem ser boas ou más: manifestações impróprias estão associadas ao mau caráter; manifestações próprias estão associadas ao caráter virtuoso.

No caso da paixão malévola, é diferente. O caráter daqueles que sentem essas paixões é mau (em primeiro lugar), tal como é o despertar dessas paixões (em segundo lugar). Paixões como o despeito, o atrevimento ou a inveja não podem ser sentidas de forma apropriada; não pode haver virtude associada a elas; nenhum há meio-termo para elas, apenas a emoção falha de um caráter falho. Ao invés de serem impróprias em suas circunstâncias, as paixões malévolas são simplesmente impróprias, sejam quais forem as circunstâncias.

A situação precedente surge da reflexão sobre o papel ético das paixões. De que formas, se existe alguma, a questão se altera quando a vemos em termos mais gerais, além das preocupações éticas, para revisitar a impropriedade das paixões?

Aristóteles considera que as paixões podem ser impróprias ou próprias em diversas situações, incluindo a retórica, a estética, a dialética e a política. Sua impropriedade ou propriedade nesses domínios não está ligada de maneira óbvia nem direta ao seu valor ético – mesmo embora possamos dizer que se deve senti-las de acordo com o meio-termo, na hora correta, no lugar correto, da forma correta... (vide *Pol.*, 1342b12-15, 31-33). O medo impróprio ou próprio na tragédia, por exemplo, é diferente de sua manifestação imprópria ou própria no campo de batalha, na política, ou na persuasão retórica ou comédia. Jonathan Lear comenta isso ao refletir sobre a tragédia.

Aristóteles tem uma aguda percepção da importante diferença entre uma mimese de uma ação séria e a ação séria da qual ela é uma mimese. A resposta emocional que é apropriada para uma mimese – o prazer trágico e a catarse – seria completamente imprópria para o evento real.¹

Mesmo assim, como se explica a impropriedade ou a propriedade das paixões encontradas na tragédia, e como elas são reconciliadas com o que é próprio e impróprio em outras situações?

¹ J. Lear, *Open Minded*, p. 217.

Leighton, Stephen
Paixões malévolas e impróprias em diversos domínios

Qualquer resposta plausível deverá considerar as diferenças entre os domínios. Como Aristóteles considera que os padrões de correção podem ser diferentes, e assim o fará à luz da arte relevante (*Poética* 1460b13-15), uma hipótese considerável sustenta que o que conta como impróprio e próprio pode variar, e assim o fará à luz da arte ou domínio relevante, quando isso puder incluir mudanças no que contará como uma paixão imprópria ou própria (tipo), e na natureza de sua propriedade ou impropriedade.

O potencial dessa hipótese pode ser avaliado ao considerarmos ainda como Aristóteles leva em consideração a tragédia versus a vida cotidiana. O que é próprio ou impróprio em cada uma não é idêntico, mas se altera de acordo com o domínio em questão – como a observação de Lear deixa claro. A influência do domínio afeta não apenas as formas nas quais as paixões são concretizadas como também pode incluir os tipos de paixões próprios e impróprios. Consideremos que na visão de Aristóteles a tragédia se relaciona com o medo e a piedade; ela permite outras paixões, incluindo o amor, a ira, o assombro, a surpresa e a compaixão; ela exclui outras respostas emocionais, explicitamente o que é monstruoso e/ou chocante, e outras também.² A exclusão de certos tipos de paixões como impróprias, a inclusão de outras como centrais ou relevantes e a natureza da impropriedade ou propriedade não são dadas por uma articulação geral ou ética de propriedade ou impropriedade, mas sim determinadas à luz da forma poética relevante.

Expliquemos isso com mais detalhes. A tragédia é a forma poética centrada na catarse através do medo e da piedade, considerando a mimese de uma ação que é completa, perfeita e grandiosa, uma ação de uma pessoa melhor (porém não superior em virtude) cuja *hamartía* destrói sua própria vida e a de outros ao seu redor enquanto a pessoa se desloca da boa para a má fortuna. Tais limites tornam clara a relevância do medo e da piedade; eles também podem ajudar a explicar a relevância do assombro, da surpresa, da solidariedade, do amor e da ira, inclinações apropriadas, e também a impropriedade do que é monstruoso ou chocante. Se for assim, a explicação das paixões impróprias ou próprias para a tragédia depende (em parte, ao menos) da forma poética. Além do mais, os papéis que devem ser atribuídos a essas paixões são determinados, ao menos em parte, à luz da forma poética relevante. O medo e a piedade, por exemplo, servem para induzir à catarse. Esse papel é muito diferente de suas concretizações próprias ou impróprias em outras situações, sendo determinado de maneira

² Para uma discussão aprofundada e referências, vide Leighton, “Aristotle’s Exclusion of Anger from the Experience of Tragedy,” *Ancient Philosophy*, 2003.

Leighton, Stephen
Paixões malévolas e impróprias em diversos domínios

diferente. Considerem o papel mais proeminente do medo na ética: nesse caso ele é central à coragem, refere-se ao que é mais assustador, ou seja, a morte em suas mais refinadas condições, no campo de batalha, e serve para facilitar a atividade nessa situação. Nos campos de batalha o medo não está relacionado à *mimesis*, à aprendizagem, ao deleite, à *kátharsis*, à *hamartía* e ao assombro, prazeres ou trama apropriados à tragédia (vide *E.N.* 1115a7- b6).³

Se algo em torno dessas linhas é a abordagem correta, então podemos admitir que tipos e concretizações de paixões impróprias e próprias na tragédia podem se mostrar bem diferentes dos da vida cotidiana. Será diferente mais uma vez para a comédia. Embora tenhamos muito pouco do pensamento de Aristóteles sobre a comédia, podemos supor que esse medo e essa piedade não serão mais centrais, e talvez nem mesmo apropriados à forma. Além do mais, podemos esperar que outras paixões se tornem proeminentes, antes de mais nada as que estão relacionadas com o que é feio (*aíschron*) e envolve o riso (*to geloíon*, *Poét.* 1449a31-37), talvez para incluir respostas evitadas na tragédia, por exemplo o chocante ou o monstruoso. Aqui também o que conta como um tipo e uma manifestação de paixões impróprias ou próprias é determinado, ao menos em parte, em termos da forma pertinente (comédia), ao invés de por qualquer noção “ética” abrangente ou distinta de impropriedade ou propriedade. Assim também a impropriedade ou a propriedade das paixões na retórica, na política, na dialética e talvez até mesmo nas atividades dos amantes da sabedoria. O que pode ser contado como impróprio ou próprio em relação às paixões tem, portanto, muito a ver com a natureza e os objetivos de uma disciplina em particular – onde isso pode afetar tanto o tipo da paixão relevante (o medo na tragédia versus na comédia) quanto a ocorrência da paixão relevante (o medo próprio na tragédia versus no campo de batalha).

Agora, ao sustentar que a impropriedade e a propriedade do tipo e da ocorrência de paixões em diversos domínios não são governadas por uma preocupação geral ou ética quanto à impropriedade e a propriedade, a sugestão não é de simples diversidade ou de domínios plurais – vistos cada um como atividades autossuficientes, independentemente determinadas ou totalmente desconexas. Ao invés disso, as diversas esferas de atividade humana apropriada estão localizadas dentro do sistema teleológico de Aristóteles, que subordina a diversidade das atividades humanas ao bem (vide *E.N.* I.1). Dessa forma, a tragédia, a comédia, a retórica, a dialética e quaisquer outras práticas que possamos levar em conta devem ser compreendidas à luz disso, pois são relacionadas e limitadas nos homens pelo viver o bem e fazer o bem

³ Para uma discussão mais aprofundada sobre as condições e bases para o desenvolvimento apropriado das paixões na retórica, vide Leighton, “Passion and Persuasion,” em Blackwell’s *Companion to Aristotle*, editado por G. Anagnostopoulos (2009).

Leighton, Stephen
Paixões malévolas e impróprias em diversos domínios

(1095a14-21). Diferentes domínios, práticas, atividades... podem ter lugares, papéis, padrões de excelência etc. particulares ou mesmo únicos. Mesmo assim, o sistema teleológico de Aristóteles, captado pela mais alta ciência reinante (a habilidade política, 1094a10-b9), representa o lugar (ou lugares) deles, e assim limita o que é a eles impróprio ou próprio – o que não difere da forma como, por exemplo, a liderança militar limita aquilo que conta como uma boa selaria (1094a10-15).

Se essa é a forma correta para entender a propriedade e a impropriedade das paixões em diversos domínios, então nosso resumo inicial requer qualificação. A elucidação das paixões próprias versus impróprias versus malévolas precisa ser remodelada, compreendida agora como a elucidação das paixões *eticamente* próprias versus as *eticamente* impróprias versus as *eticamente* malignas. Mais uma vez, o que contava apenas como impróprio versus próprio nas circunstâncias parece melhor imaginado como apenas impróprio versus próprio em circunstâncias *éticas*; e, talvez, o que contava como impróprio fossem quais fossem suas circunstâncias possa ser melhor imaginado como impróprio quaisquer sejam as suas circunstâncias *éticas*.

Essas qualificações requerem elucidação e análise.

Torna-se claro que as formas de impropriedade retratadas de início não se relacionam à impropriedade em si, mas sim à impropriedade ética e ao caráter. Torna-se claro que podem existir e existem domínios em que surgem a impropriedade e a propriedade das paixões – onde a impropriedade e a propriedade não são as do desenvolvimento ético ou do caráter, ou uma noção global de impropriedade ou propriedade, mas são determinadas à luz de seu tipo particular de atividade tal como exposto no sistema teleológico de Aristóteles. O que requer elucidação a seguir é como as questões de impropriedade e de propriedade, tal como são colocadas em diversos domínios, deveriam ser vistas e compreendidas em termos da relação uma com a outra.

Consideremos que o humor e o estímulo ao riso tendem a ser impróprios à tragédia, de serviço e desserviço à retórica (*Ret.* 1419b3-9, 1415a34-8, *Ret. Al.* 1441b15-29, *Frag.* 82 R3), aptos para a comédia e presentes na vida cotidiana. Aquilo que gera o entretenimento e é tomado por ele pode ser central na comédia, fora de propósito na tragédia e apropriado na vida cotidiana, embora perigoso (*E.N.* 1128a1-b9, *Ret.* 1379a28-30). As diferenças de impropriedade e propriedade podem estar relacionadas com o domínio em questão, podem variar de domínio para domínio e podem fazê-lo no nível tanto do tipo quanto da ocorrência das paixões.

Leighton, Stephen
Paixões malévolas e impróprias em diversos domínios

Assim como enfatizando as complexidades envolvidas nas paixões impróprias e próprias, o que dissemos ressalta a preocupação sobre o quanto a inaptidão ou a aptidão em um determinado domínio devem ser reconciliadas com sua posição mais além. De particular interesse será o quanto as paixões eticamente impróprias e sua ocorrência devem se reconciliar com sua conveniência provável em outros casos.

Aristóteles, como temos visto, não se inclina à hegemonia de considerações éticas distintas ou à seleção poética de Sócrates. De fato, ao mesmo tempo em que está preocupado com a possibilidade da corrupção da juventude, Aristóteles parece permitir que a zombaria da comédia não precise ameaçar o caráter ou as atividades de sua audiência.⁴ Mesmo assim, como pode Aristóteles encorajar o que acontece na comédia (e em outros domínios), especialmente quando o que lá se passa pode ser impróprio na vida mais cotidiana?

Uma possibilidade trata do impacto psicológico. Paralisado pelo poder da habituação, Aristóteles pode simplesmente estar sendo mais otimista do que era o Sócrates da *República* sobre a habituação superar com sucesso o que acontece na comédia. Vendo dessa forma, pode-se desfrutar dos prazeres da zombaria cômica, mesmo que de maneira inconveniente, e assim fazê-lo sem uma ameaça real ao caráter moral ou ao comportamento subsequente.

Essa explicação pode se encaixar na visão de Aristóteles sobre a habituação tal como desenvolvido na *Ética a Nicômaco*, e ao lugar que ele dá às artes elevadas na *Poética* e na *Política*. No entanto, isso permite que muitos prazeres da zombaria cômica permaneçam eticamente deletérios. Sua aceitação é tal *considerando-se todo o mais*. Ao contrário do Sócrates da *República*, quaisquer efeitos deletérios que esses prazeres tragam, eles não devem impedir de forma séria o caráter ou o comportamento ético. Visto dessa maneira, certas demonstrações e excitações cômicas de paixões permanecem inaptas de alguma forma, mas no todo não são suficientemente potentes para se mostrarem preocupantes.

Um tipo diferente de explicação ressalta os próprios domínios. Ela atenta para o fato de que as diferenças entre domínios se voltam para diferentes locais e circunstâncias dentro do sistema teleológico de Aristóteles. As circunstâncias da vida cotidiana não são as mesmas da tragédia, da comédia, da retórica... e vice-versa. Seu lugar dentro do sistema teleológico de Aristóteles é diferente. Esta explicação a seguir nos lembra que diferenças entre circunstâncias permitem que o que é impróprio para uma situação seja próprio para outra, e vice-versa. Dado tudo isso, não há nenhuma alegação justificável *prima facie* de que porque

⁴ Aristóteles sugere restrições à idade para se ver comédia, incluindo limites à conversa indecente (*Política* 1336b12-34). Mesmo assim, estão ausentes as drásticas e extensivas proibições e a reestruturação da sociedade pelas quais Sócrates é tão bem conhecido, por exemplo, na *Rep.* 605e e seguintes.

Leighton, Stephen
Paixões malévolas e impróprias em diversos domínios

algo é inadequado em um domínio (por exemplo, na ética), assim o é em outros (por exemplo, na comédia) ou vice-versa – tal como não há alegação justificável *prima facie*, por exemplo, que a ira expressa de forma inapta em uma situação é inapta quando expressa em outra, ou vice-versa. Certamente, o que pode ser inapto em uma situação pode ser inapto em outra, mas para que isso aconteça são necessários mais argumentos além do que serve como suposição.

Em termos da compreensão de domínios, portanto, não podemos supor que porque algo é inconveniente ou deletério fora da comédia, também o é na comédia, ou vice-versa. Dessa forma, a zombaria que pode ser inaceitável fora da comédia não precisa sê-lo dentro dela. A propriedade ou impropriedade em um domínio particular é determinada à luz dos fins e da forma do domínio – onde o próprio domínio está situado e limitado pelo sistema teleológico de Aristóteles. Os diferentes domínios e padrões de propriedade não precisam competir entre si. O que se passa na comédia lá pode ficar – desde que o que esteja lá não obstrua a própria comédia ou seu lugar e papel dentro do sistema teleológico de Aristóteles.

Estou sugerindo que uma abordagem das diferenças de propriedade através dos domínios é preferível à explicação psicológica. Ela se encaixa melhor e pode explicar por que Aristóteles tem padrões diferentes para domínios diferentes. Ela contesta a suposição de que porque algo é inapto ou apto em um domínio, deve sê-lo da mesma forma em outro. Ela dá sentido à visão de Aristóteles de que a propriedade de certas atividades particulares pode variar de acordo com seu local.⁵ Sendo assim, ela parece fiel ao espírito da compreensão de Aristóteles sobre valor das paixões e suas manifestações em diversos domínios, ajudando a explicar os mesmos.

A explicação a partir do impacto psicológico é menos útil. Mesmo estando disponível para Aristóteles e sendo coerente com sua compreensão sobre a habituação, ela não auxilia por si só na explicação ou na justificativa das diferenças entre os domínios. Além disso, ela traz em si a censura sobre o que acontece em diversos domínios se eles não espelharem o ético. Essa censura não é dissipada, mas permanece à luz de outros benefícios gerais. Mesmo assim, isso está longe de captar a atitude de Aristóteles quanto ao lugar das paixões nos diversos domínios: ele dá a várias paixões papéis nesses domínios, e legitima seu lugar neles.⁶ Dessa forma, a abordagem a partir dos domínios fornece uma explicação mais adequada.

⁵ Por exemplo, o que é apropriado ao tocar e apreciar a música é afetado por servir isso ou não ao relaxamento, à excelência ou ao entretenimento. Além disso, enquanto que as obras de Páuson e Polignoto parecem perfeitamente aceitáveis em si mesmas, a exposição às primeiras (mas não às segundas) fornecem um treinamento ineficiente para a juventude (*Política* 8.5-7, vide *Poética* 1448a1-6).

⁶ A evidência, é claro, não é unilateral. Vide por exemplo *Ret.* I,1 – onde as paixões são repudiadas como apropriadas para a retórica. Vide também *EN* 1134a17-23.

Leighton, Stephen
Paixões malévolas e impróprias em diversos domínios

Temos uma explicação promissora sobre paixões próprias e impróprias em diversos domínios. Essa explicação é particularmente verossímil para as paixões descritas a princípio como impróprias, e só então mencionadas como *eticamente* impróprias, por exemplo, aquelas cuja inaptidão ou aptidão ética é sensível à circunstância – o medo, a ira, e assim em diante. O que as reflexões sobre diversos domínios e atividades contribuíram para a compreensão inicial é que não apenas as diferenças entre circunstâncias éticas são relevantes para a avaliação das paixões, como também que as diferenças entre os tipos de atividades (por exemplo, a comédia, a tragédia) fazem surgir diferenças adicionais (incluindo diferenças nas circunstâncias) também relevantes para a avaliação das paixões. A natureza da atividade permanente e o seu lugar no sistema teleológico envolvem diferenças que podem ajudar a explicar, por exemplo, por que o caráter ético e a expressão emocional eticamente apropriada não precisam ser ameaçados pelo que é excluído ou permitido na comédia, na retórica, na política... e vice-versa. Dessa forma, o que conta como expressões eticamente impróprias de medo, piedade ou ira pode encontrar lugares apropriados na tragédia, na dialética, na retórica e assim em diante. Mas, e em relação às paixões malévolas?

É aceitável que o despertar da inveja, por exemplo, seja útil na persuasão retórica, no argumento dialético, na recriminação política e daí em diante. Por sua vez, isso ajudaria a explicar o exame feito na *Retórica* sobre a inveja no preparo para seu uso (*Ret.* II.10 1387b22-23, 1388a25-28) e a afirmação de Aristóteles de que os retóricos devem despertá-la.

Depois disso, quando a natureza e a importância [dos fatos] estão claras, conduza a audiência a reações emocionais. Essas são a piedade, a indignação, a ira, o ódio, a inveja, a emulação e a discórdia. (III.19 1419b25-28)

Mesmo assim, ainda há dificuldades. As paixões malignas incluem baixeza dentro de si e são elas próprias más, tal como o caráter daqueles que as sentem (*E.N.* 1107a8-13, *Ret.* 1388a34-6). Sem usar argumentos adicionais, isso sugere que não deveria acontecer ocasião em que elas fossem sentidas, e não apenas (como a explicação dos domínios propõe) que não deveria acontecer qualquer ocasião “ética” na qual elas seriam sentidas. Com que justificativa os retóricos e outros despertam paixões malignas, paixões essas que são impróprias para se sentir?

Uma possibilidade é sustentada por aqueles que veem o discurso como um juguete, uma questão de embotamento, enganação, feitiçaria, um simples agente de persuasão (*Helena* 82B11, 21, 14, 11, *Górgias* 453a2-3, vide *Íon* 535e). Embora isso possa satisfazer Górgias ou Íon, é improvável que satisfaça a Aristóteles. Ele considera que a retórica se relaciona com a

Leighton, Stephen
Paixões malévolas e impróprias em diversos domínios

persuasão, mas limita o que é admissível, desaprovando, por exemplo, o uso injusto do discurso ou a criação de um entendimento corrupto (*Ret.* 1355a26-b7). Esses limites podem ser vagos, mas dariam impressão de proibir os métodos de Górgias e Íon. De fato, se suas abordagens refletissem a retórica como ela deveria ser, isso a situaria além dos limites do que Aristóteles considera como uma prática ou universo justificados (vide *E.N.* I.1). Sendo assim, isso motivaria Aristóteles a descartar ao invés de encorajar a retórica – assim como fez Sócrates (*Górgias*, 462b). Uma defesa instrumental das paixões malévolas na retórica (e por extensão em outros lugares) fracassa em satisfazer as exigências de Aristóteles para sua legitimação.

Por outro lado, podemos sugerir que essas preocupações são exageradas – elas devem muito mais à *República* de Sócrates, limitando o que é aceitável em diversos domínios pelas preocupações “éticas”. Assim como apontado antes, Aristóteles é sensível ao fato de que métodos e procedimentos diferentes são apropriados a diferentes domínios. Já que permitimos um lugar para o que de outra forma contaria como uma expressão eticamente imprópria das paixões surgindo em domínios diversos, por que não fazer o mesmo para as paixões malévolas? Talvez poderíamos simplesmente considerar que Aristóteles tenha adotado uma estratégia de distanciamento. Visto dessa forma, pode-se despertar a inveja, o despeito ou a audácia na retórica, e em outras esferas, mesmo sem se preocupar que sejam ruins, ou que seu despertar expresse e estimule o mau caráter. Isso pode ser sustentado ao argumentarmos que qualquer dano potencial ao permitir essas paixões é mínimo, porém o benefício potencial é enorme, e o poder da devida habituação é tão forte que uma preocupação séria sobre seu uso nesses domínios seria fútil.

Essa sugestão também é problemática. Ela é um amálgama do impacto psicológico e das respostas dos domínios, possuindo todas as desvantagens do primeiro. Além do mais, consideremos a possibilidade de apresentar o mesmo argumento em relação a aquelas ações que Aristóteles oferece como análogas às paixões malévolas, isto é, o assassinato, o roubo e o adultério. Não parece haver qualquer argumento para supor que tanto na retórica quanto em outras situações, e com outros interesses em questão que não os éticos, elas se tornem apropriadas. Talvez as suas representações pudessem ser próprias no palco ou em outros lugares, mas não o são. Ao invés disso, são impróprias e ponto final, totalmente erradas. Se é que algo pode ser dito em sua defesa, é provável que seja por serem apenas um caso teórico, ou de certa forma necessário em alguma circunstância e justificável à luz disso. Certamente, o fato de que o contexto possa ser a retórica, a comédia ou a dialética não faz diferença.

Leighton, Stephen
Paixões malévolas e impróprias em diversos domínios

Para reforçar esse raciocínio, retornemos à visão da *Ética a Nicômaco* sobre as ações imperfeitas, e ao raro exemplo em que Aristóteles argumenta com uma provocação cômica.

Assim, ao fazer essas coisas nunca poderemos estar corretos, mas cairemos sempre no erro. Não podemos fazê-las nem bem nem mal – ao cometer adultério, por exemplo, com a mulher certa, na hora certa e da maneira certa. Ao contrário, simplesmente fazer qualquer delas é agir de maneira errada (1107a15-18).

Aristóteles não deveria concluir o mesmo a respeito das paixões malévolas? Sentir inveja não é matar ou cometer adultério, mas são todas paixões baixas, sem qualquer bondade inerente. Sendo assim, apesar de sua utilidade potencial, a inveja não deveria ter nenhum lugar próprio na retórica, na poética ou em qualquer outro domínio devido à sua natureza malévola, aos próprios limites avaliadores da retórica e de outros foros, e à visão de Aristóteles sobre aquilo que conta como práticas humanas aceitáveis.

Fizemos progresso, mas ainda permanece um dilema do qual não vejo escapatória apropriada. Ao explicar a posição da *Ética a Nicômaco* sobre as paixões impróprias, encontramos dois casos distintos, a impropriedade em determinadas circunstâncias e a impropriedade e ponto final. O sistema ético de Aristóteles tem como dar sentido a cada uma delas.

Quando a preocupação se desloca das questões éticas para outros domínios, a compreensão sobre a impropriedade e a propriedade também se desloca, assim o fazendo em termos dos domínios relevantes, tais como situados no sistema teleológico de Aristóteles. Tendo isso em vista, as coisas que são impróprias em suas circunstâncias tais como encontramos na vida cotidiana podem se mostrar próprias em outros momentos, e vice-versa. Isso ocorre sem ameaçar a propriedade ética ou a manutenção do caráter ético. Além do mais, isso indica que a impropriedade ou a propriedade em diversos domínios não precisa se dar diretamente sob o comando do que é eticamente impróprio ou próprio.

A situação é diferente para as paixões malévolas. Sua natureza inferior parece impedir que sua expressão seja jamais apropriada – quaisquer que sejam as circunstâncias ou o domínio, e não importando o quanto for estrategicamente útil ou vantajosa. Mesmo assim, a *Retórica* de Aristóteles tanto prepara para o despertar das paixões malévolas quanto dá um papel à inveja. Nossa melhor compreensão para permitir isso tem sido uma explicação através do impacto psicológico, mas ela não está livre de dificuldades. Podemos compreender isso ainda melhor, e por que os poetas estavam errados ao atribuir a inveja aos deuses, mas permanecemos perplexos sobre a razão de Aristóteles ter nos preparado para utilizá-la na retórica. Nossa perplexidade apenas aumenta ao lembrarmos que o Sócrates do *Filebo* oferece

Leighton, Stephen
Paixões malévolas e impróprias em diversos domínios

uma abordagem bem diferente dessa emoção (*phthonos*), considerando-a injusta, mas ainda assim apta para a comédia (49-50).⁷

REFERÊNCIAS

- ARISTOTLE. 1984. *The Complete Works of Aristotle*, edited by J. Barnes. Princeton: Princeton University Press.
- _____. 1999. *Nicomachean Ethics*. Translated by Terence Irwin. Indianapolis: Hackett Publishing Company.
- _____. 2007. *On Rhetoric*. Translated by George A Kennedy. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press.
- LEAR, Jonathan. 1998. *Open Minded*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- LEIGHTON, Stephen. 2003. Aristotle's Exclusion of Anger from the Experience of Tragedy. *Ancient Philosophy* 23:1-21.
- _____. 2009. Passion and Persuasion. In *The Blackwell Companion to Aristotle*, edited by G. Anagnostopoulos. Oxford: Basil Blackwell.
- PLATO. 1997. *Complete Works*, edited by J. M. Cooper. Indianapolis: Hackett Publishing Company.

[Recebido em fevereiro de 2009; aceito em fevereiro de 2009.]

⁷ Este artigo é parte de um estudo mais amplo sobre as paixões malévolas, que teve algumas de suas partes apresentadas anteriormente no Ancient Philosophy Workshop in Kingston (2007). Agradeço a Fernando Santoro a e todos os que ajudaram a organizar a presente e devesas formidável conferência, pela sua hospitalidade e por maravilhosos momentos no Rio de Janeiro. Beneficiei-me dos comentários dos participantes, incluindo os de Elizabeth Belfiore, Stephen Halliwell, Malcolm Heath, Brad Inwood, David Konstan, Alistair Macleod e Christopher Shields.